



A unha azul
relatos de uma mãe e professora sobre relações de gênero



Patrícia de Abreu Albino Almeida
patriciaaaalmeida80@gmail.com

Pedagoga e professora de Educação infantil. Pós-graduanda em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade, pela Universidade Anhembi-Morumbi.

**A UNHA AZUL:
RELATOS DE UMA MÃE E PROFESSORA SOBRE RELAÇÕES
DE GÊNERO**

**THE BLUE NAIL:
REPORTS FROM A MOTHER AND TEACHER ABOUT
GENDER RELATIONS**

**LA UÑA AZUL:
INFORMES DE UNA MADRE Y MAESTRA SOBRE LAS RELACIONES
DE GÉNERO**

Após o período de isolamento social, provocado pela pandemia do Coronavírus, estávamos em casa, retomando a organização habitual de nossa rotina. Em meio a bolsas, máscaras e álcool em gel, sentimos muita insegurança com a volta de nossos filhos às aulas presenciais.

Percebendo a preocupação de minha filha mais velha, na época com 10 anos, fiz uma proposta: "vamos pintar as unhas de azul?". Ela amou a ideia. Enquanto eu construía as camadas de esmalte sobre suas unhas, uma pequena fila foi se formando, com meus dois filhos menores, uma menina de dois anos e um menino de cinco. Nessa movimentação, escuto: "Mamãe, agora é minha vez", disse ele. A felicidade e empolgação pela nova brincadeira estavam postas. Respondi: "Tá bom filho, só uma unha tá". Rebateu: "Não mamãe, quero todas!". Prontamente, concordei.

Durante a pintura de cada uma de suas unhas, o sorriso transformou seu rosto ao ver seus dedinhos coloridos. "Agora coloca brilho, mamãe!". Quem não gosta de brilho, pensei. "Uau, parecem estrelas no céu!", vislumbrou ao olhar suas unhas coloridas e brilhantes. "Sim, parecem mesmo, filho", respondi.

Ao passo que a felicidade dele ia aumentando, em minha cabeça uma angústia se formava. Com isso, disse a ele: "Vamos ter que tirar o esmalte amanhã, antes de ir para a escola". Ao ouvir isso, seu sorriso foi embora e deu lugar ao "Por que?". Pois é, com tantas preocupações para aquele momento de pandemia, minha maior aflição era a unha azul do meu filho.

Em minha atuação enquanto professora na educação infantil já presenciei situações de preconceito vivenciadas por crianças, relacionadas à questão de gênero. Toda criança gosta de experimentar as possibilidades do brincar. Para elas, roupas, cores e brinquedos são instrumentos de criatividade e imaginação, aspectos de grande importância para o desenvolvimento infantil.

No entanto, nossa sociedade é marcada pelo gênero, e dita o que é padrão. Assim, como acontece em algumas famílias, parte dos educadores dessas crianças trazem para suas práticas uma visão de mundo preconceituosa, rebatendo de forma visceral comportamentos e expressões ditos como não aceitáveis. Como exemplo, impedir que meninos experimentem fantasias, vestidos ou perucas, ou terem suas atenções chamadas por brincarem com bonecas.

Certa vez, um menino apareceu na escola com suas unhas pintadas de vermelho. Isso provocou um verdadeiro alvoroço entre os educadores. Em meio a cochichos de corredor e de cantos de sala, circulava a questão, "Onde já se viu, pintar a unha de um menino?". Comentários atacavam a mãe da criança, dizendo o quanto aquilo era reprovável. Além das falas, olhares atravessados e sorrisos eram comumente percebidos. Em uma das reuniões pedagógicas posteriores ao ocorrido, foi pontuado sobre a importância do respeito a criança e suas vivências. No entanto, percebi a insatisfação de algumas de minhas colegas, ouvindo uma delas dizer a frase, "Depois vira *viado* e não sabem por que?".

Toda essa experiência me fez temer o que meu filho, supostamente, escutaria ao ir para a escola com suas unhas pintadas. Ele, uma criança de apenas cinco anos, brincando de colorir as unhas, poderia ouvir de adultos as coisas que presenciei em minha escola. Eu não estaria lá para brigar, para proteger ele dos olhares maldosos e línguas afiadas. Ocorre que no dia seguinte a esmaltação, ele não foi com as unhas pintadas. As meninas também não foram, como tentativa de não criar uma situação ruim com essa história. Argumentei que escola não era lugar de desfile de moda. Elas riram.

Apesar disso, angustie-me com a possível mensagem que poderia transmitir a eles, afinal, ações não valem mais do que palavras? Com aquela ação, não estava contradizendo o que acredito e, dessa forma, assentando os primeiros tijolos do machismo na vida deles? Construindo, a olhos vistos, importantes limitações em suas vidas? Só sei que no mundo colorido que vislumbro para todas as crianças, eu paralisei na unha azul.

Desde o ocorrido tenho ficado mais atenta para que minhas ações reflitam o que penso e acredito. Tenho ensinado meus filhos e alunos que nem toda menina gosta de pintar as unhas, como há meninos que gostam. Isso não está relacionado a identidade de gênero ou orientação sexual, mas as experimentações do mundo por meio de brincadeiras. Por que limitar a criança e suas fantasias? Penso que a escola deva ser espaço mais seguro para essas experimentações, onde o brincar não seja feminino ou masculino. A escola pode ser cruel, ao reproduzir aspectos da sociedade, como também pode ser renovação, ao sugerir mudanças dessa sociedade a partir de dentro dela, por meio das novas gerações.

Como citar este texto

Almeida, P.A.A (2024). A unha azul: relatos de uma mãe e professora sobre relações de gênero. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 10, n.1, 98-102. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137aunhaazul>

RECEBIDO EM: 15/04/2024
APROVADO EM: 28/05/2024